

Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0
Cadernos PDE

VOLUME II

**OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas**

2016

1. Ficha para identificação da Produção Didático-pedagógica – Turma 2016

Título: O corpo e a imagem: uma abordagem fenomenológica	
Autor: Cristiane Berns	
Disciplina/Área:	Filosofia
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	Colégio Estadual de Dois Vizinhos – Ensino Fundamental, Médio e Profissional
Município da escola:	Dois Vizinhos - Pr
Núcleo Regional de Educação:	Dois Vizinhos - Pr
Professor Orientador:	Vanessa Furtado Fontana
Instituição de Ensino Superior:	Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
Relação Interdisciplinar:	Não há
Resumo:	<p>A imagem e o vídeo possuem uma função bem maior do que se percebe. É preciso repensar a imagem de si enquanto corpo e enquanto objeto estético, questionando-se “o que é este corpo?” E como pensar o corpo numa visão mais atual sem torná-lo apenas um objeto entre outros objetos, e ao mesmo tempo valorizar o interesse dos jovens em criar e transformar a realidade, mas a direcionando para algo construtivo.</p> <p>O Colégio Estadual de Dois Vizinhos espelha esta necessidade de estudo destes conceitos, uma vez que muitos educandos foram e estão constantemente envolvidos com problemas de divulgação da imagem e do corpo comprometendo, não só seu rendimento escolar, como dificultando ao ser humano uma compreensão totalizante e atual de sua corporeidade. Esta intervenção didática pedagógica pretende desenvolver uma oficina de arte intervencionista com os alunos, dirigida e ensaiada por critérios estabelecidos, respeitando as normas digitais, colocando-os frente a um novo olhar em relação ao seu corpo, aos temas de estudo da Filosofia Estética, a alteridade, dando-lhes</p>

	oportunidade de fazer uso do celular e máquinas digitais que a escola possui e demais equipamentos que fazem parte do acervo tecnológico da escola. A metodologia se dará a partir de leitura de textos, discussões, elaboração de conceitos, desenvolvimento de atividades individuais e em grupos, curso on-line sobre fotografia digital (site http://www.eduk.com.br), acervo de fotografias tiradas pelos alunos, seminário em sala de aula e exposição das fotografias, resultado da oficina de fotografia, para a comunidade escolar.
Palavras-chave:	corpo; imagem; estética; alteridade; objeto estético.
Formato do Material Didático:	Unidade didática
Público:	Ensino Médio Integrado Técnico em Administração – período noturno.

2. APRESENTAÇÃO

Esta produção didática consiste numa Unidade Didática a qual aborda uma questão de extrema importância para o estudo da Filosofia no Ensino Médio, a saber, “O Corpo e a imagem: uma abordagem fenomenológica”.

A visão contemporânea do mundo assumiu transformações tecnológicas significativas, essas mudanças colocam o educador num papel muito mais complexo que meramente lidar com os conteúdos escolares, mas também inserir, questionar, refletir, mostrar um bom uso das tecnologias para subsidiar o estudo dos conteúdos escolares.

As inúmeras problemáticas surgidas com a inclusão do uso de tecnologias em sala de aula, como por exemplo, o celular, trouxe a tona uma discussão sobre um

uso racional dessa ferramenta, pois seria fora de cogitação retirar essa tecnologia do estilo de vida cotidiana atual.

A imagem e o vídeo possuem uma função bem maior do que se percebe. É preciso repensar a imagem de si enquanto corpo e enquanto objeto estético, questionando-se “o que é este corpo?” E como pensar o corpo numa visão mais atual sem torná-lo apenas um objeto entre outros objetos, e ao mesmo tempo valorizar o interesse dos jovens em criar e transformar a realidade, mas a direcionando para algo construtivo.

A realidade do Colégio Estadual de Dois Vizinhos, espelha esta necessidade de rever conceitos e suportes tecnológicos, uma vez que muitos educandos foram e estão constantemente envolvidos com problemas de divulgação da imagem e do corpo comprometendo, não só seu rendimento escolar, como dificultando ao ser humano uma compreensão totalizante e atual de sua corporeidade.

O estudo pretende desenvolver uma oficina de arte e intervencionista com os alunos, dirigida e ensaiada por critérios estabelecidos, respeitando as normas digitais, colocando-os frente a um novo olhar em relação ao seu corpo, aos temas de estudo da Filosofia Estética, a alteridade, dando-lhes oportunidade de fazer uso do celular e máquinas digitais que a escola possui e demais equipamentos que fazem parte do acervo tecnológico da escola.

O colégio possui espaços adequados para esta prática, como também uma equipe diretiva e pedagógica, aberta e interessada em alternativas inovadoras, que façam a diferença na aprendizagem e discussão dos temas escolares.

Tal intervenção consiste numa abordagem fenomenológica do corpo e da imagem, qual tipo de entendimento que os jovens têm de seu corpo e de seu lugar no mundo, e como transformar esta visão que possuem.

Como pensar o homem no mundo atual? Quem é este sujeito? O que é o corpo? Que imagens têm de si enquanto corpo e objeto estético?

O que seria este corpo materializado numa imagem fotográfica? O que é a imagem?

O público alvo da intervenção são os alunos do Ensino Médio noturno do Colégio Estadual de Dois Vizinhos – Ensino Fundamental, Médio e Profissional do município de Dois Vizinhos – Pr.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Reelaborar o conceito de corpo, imagem e objeto estético. Imagem de si enquanto corpo e imagem artística.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os conceitos de corpo, imagem e objeto estético presentes na sociedade atual, elaborados historicamente;
- Repensar a prática no uso do celular para fotografar e filmar situações, fatos e objetos;
- Compreender os conceitos estéticos e artísticos em torno do corpo;
- Reconhecer a importância da prática de alteridade e reconhecimento de sua corporeidade;
- Incentivar uma oficina de fotografia e produção artística da imagem;

4. MATERIAL DIDÁTICO

CAROS ALUNOS!

Pensar o corpo através de um novo olhar e tentar descrever sua dimensão não é tarefa fácil, muitos foram os conceitos dados ao “corpo” na história da Filosofia.

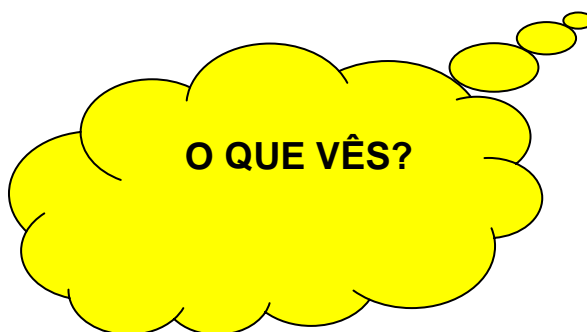
Convido vocês para uma viagem em torno do estudo e reflexão sobre corpo e imagem, durante a viagem vocês se tornarão fotógrafos e esta termina numa bela exposição de nossas fotografias para a comunidade escolar!

1º MOMENTO

IMAGEM – PERCEPÇÃO ESTÉTICA



HOMEM - IDADE (CC0 Public Domain - no Pixabay – 1790833)
https://cdn.pixabay.com/photo/2016/11/02/08/53/smartphone-1790833_960_720.jpg
<https://pixabay.com/pt/smartphone-face-homem-idade-beb%C3%AA-1790833/?subject=HOMEM>
Gerd Altmann • Freiburg/Deutschland • Membro desde 15 de Setembro de 2012



“O SELFIE É O CULTO DO SMARTPHONE COMO ESPELHO”

(Goldberg, Leonardo; in: **Fotografia e mídias sociais**, pg 67, Filosofia – Ciência e Vida, Ano IX, nº 116, 2016)



TEXTO 1

FOTOGRAFIA e Mídias Sociais

Diante de múltiplos mecanismos de edição e filtros, imagens de referenciais estéticos inalcançáveis são propagadas pelas redes sociais estabelecendo um novo ideal de eu

Vamos discutir o caminho que a imagem desemboca nas redes sociais; sustentadas por um programa somadas a essa circularidade. O Instagram é um exemplo desse formato: um dos maiores aplicativos de rede social do mundo norteado a partir da imagem.

(...)

Partindo de uma leitura denominada clássica, o filósofo tcheco brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) escrevera uma proposição apologética em relação à “Filosofia da Fotografia”, texto denominado *Filosofia da caixa preta* – que considera a urgência de tomar a fotografia como objeto de estudo a partir de um viés fenomenológico e tece uma história com registros a partir da interação social das imagens. Tal tessitura pode ser útil para pensarmos no papel da fotografia a partir de seu protagonismo nas redes sociais.

Flusser (2011) denomina imagem técnica aquela que é produzida por aparelhos. Em um percurso orientado pela noção de decodificação, ou decifração do processo fotográfico, o autor define imagem técnica aquela que perpassa o texto:

“ontologicamente, as imagens tradicionais imaginam o mundo; as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo (...)” (FLUSSER, 2011 p. 24).

Sua crítica é uma exegese da escritura que permeia a fotografia – não como intenção de pretensão manutenção de poder, mas, sim de uma estrutura que ao automatizar de forma programada a captura da realidade, passa a tratá-la de maneira invertida. Em uma metáfora à possibilidade dentro da computação, muito antes dos aplicativos que permitem a fotografia em um software específico, reflete sobre a transformação de qualquer significação dentro da possibilidade binária (0 e 1). E nesse caminho, levanta-se a questão acerca do universo fotográfico sobreposto a essa possibilidade: “(...) os vetores de significação se inverteram. Não mais o pensamento que significará a coisa extensa; é a fotografia que significa um ‘pensamento’ (...)” (pg. 85). Dentro desse espectro, a realidade passa a se formar a partir do que parece, dentro das mesmas possibilidades e limitações do código binário na computação.

Em ilustração prática, programa Instagram passa a mediar a realidade dentro de um possível social como ordenação lógica bem definida: a fotografia deve se adaptar dentro de uma proporção técnica quadrada, semelhante à Polaroid, em destoante das câmeras mais usadas na contemporaneidade.

Dentro da ideia de uma fotografia, Flusser (pg. 98) propõe alterar a perspectiva de leitura epistemológica: em vez de se ater à crítica em relação ao mecanismo, no caso da fotografia a questão seria o funcionalismo. A fotografia, engendrada num programa, não seria um instrumento como a máquina, mas algo da ordenação do jogo, que ensaia a composição de um *homo ludens*. De acordo com Flusser: “o caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens eternalizem eventos; elas substituem evento por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, domina a dialética interna da imagem, própria a toda mediação (...)”. (pg. 17).

Nessa dialética entre homem e imagem, Flusser sugere uma inversão na tentativa de colocar a imagem como função do mundo, procedida por uma vida em função da imagem. Quer dizer, “seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos”. (pg. 17). O atravessamento coopta a imagem como referência absoluta, o mundo passa a ser vivenciado como um “conjunto de cenas”. Tal inversão se aproxima da dialética proposta por Debord com a introdução da concepção de espetáculo. Debord afirmava que a “prática social, diante da qual se coloca o espetáculo autônomo, é também a totalidade real que contém o espetáculo” (DEBORD, 1997,pg. 14) e que “cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente”. (idem). Ou seja, o espetáculo passa a ocupar o lugar de realidade em um movimento dialético em que a aparência sobrepuja a realidade. A aparência, esse algo que aparece em forma de imagem, passa a sobrepujar o que seria uma referência da realidade e não somente ampará-la como representação. Movimento semelhante ao descrito por Flusser do homem em função da imagem.

Alguns traços da teoria de Flusser também se aproximam da concepção de Debord de espetáculo. Para Debord (1997, pg.14) a sociedade do espetáculo, por meio da circularidade de imagens, reúne algumas características: a supressão histórica do que é representado e o esvaziamento de um crivo qualitativo em relação ao conteúdo. Ou seja, é bom o que é extremamente visto e vice-versa. O que faz

sucesso passa a ser verdade. Esse dado se transforma em um radical nas redes sociais. Ou seja, a partir do momento em que tem milhares de “curtidas” e “compartilhamentos”, o crivo qualitativo pode ser retirado – a estrutura lógica passa a ser pautada pela categoria de “viral”. Entre as redes sociais, o Instagram, que tem como foco a circularidade de fotografias, por meio dos filtros e das possibilidades de edição por diversos outros softwares, emancipa o usuário da necessidade profissional. A técnica se transforma acessível quase órfã das mãos. Ao mesmo tempo, uma imagem já não corresponde a qualquer historicidade. Nessa proposição, a concepção de Flusser se aproxima de Debord e antecipa quase como descrição dos aplicativos que hoje pautam as redes sociais: “(...) na realidade, são elas que manipulam o receptor para comportamento ritual, em proveito dos aparelhos. Reprimem sua consciência histórica e desviam a sua faculdade crítica para que a estupidez absurda do funcionamento não seja conscientizada. Assim, as fotografias vão formando círculo mágico em torno a sociedade, o universo das fotografias (...).” (FLUSSER, 2011, pg. 79).

Quer dizer, na contemporaneidade, o aplicativo que oferece a possibilidade de fotografar perpassa a mesma programação do smartphone, o registro depende da escritura, é modelado por intermédio dela. Dentro desse possível o ato é tratado como ritual praticamente automatizado: o usuário constrói a rede social, mas não tem consciência disso. Também depende de um programa o em que delinea esse universo simbólico que é a fotografia.

A dificuldade está em definir o que seria fotografia a partir desses aplicativos; se outrora, como aponta Flusser (2011, pg. 79), o fotógrafo se deparava com a dificuldade para refletir sobre sua práxis, agora, a própria definição de fotógrafo é colocada em xeque a partir do momento em que qualquer usuário pode fazer um registro e editá-lo por diversos gadgets. Em seu conjunto, esse universo da fotografia também se desloca da historicidade e de um crivo qualitativo, ao mesmo tempo em que se apresenta a partir da construção binária de um software.

Para Debray (1940), que se dispõe a tecer uma história da imagem e do olhar no Ocidente: “a passagem do analógico para o sistema binário instaura uma ruptura equivalente, em seu princípio, à arma atômica na história dos armamentos (...). De via de acesso para o imaterial, a imagem informatizada torna-se imaterial, informação quantificada, algoritmo, matriz de números modificável à vontade e ao infinito por uma operação de cálculo. O que a vista apreende não passa de um modelo lógico-matemático, provisoriamente, estabilizado. Com essa passagem pela computadorização binária”. (DEBRAY, 1993 pg. 277).

Tal concepção é semelhante à leitura de Flusser sobre a passagem do registro pela escritura, pelo código, representação da representação. E para Debray isso também implica na transformação da realidade por intermédio de uma inversão. O autor descreve o movimento: “contornando a oposição entre ser e parecer, semelhante e real, a imagem graficamente computadorizada já não tem que imitar um real exterior, já que é o produto real que deverá imitá-la para existir”. (idem, pg 17). Ou seja, o autor compartilha a proposição debordiana e de Flusser de que a referência precedente passa a ser a própria imagem.

É a partir dessa referência, de um aplicativo acessível que possibilita que o usuário consiga fazer a edição do registro da imagem sem um conhecimento técnico específico, na circularidade imagética que se torna referência do que aparece, que se destaca o hiato entre a imagem e o sujeito. Um ideal a ser alcançado a todo custo por quem se sente mais ou menos afastado dessas novas referências estéticas (impossíveis sem os filtros e as edições). É nessa esteira que o mercado dos

produtos e da Medicina voltada à estética apresenta itens cada vez mais “tecnológicos”: direcionados à tentativa do sujeito de se aproximar desse ideal, dessa referência estética deslocada de uma consciência da edição e filtragem da imagem. Corpos talhados, recortados, costurados, editados.

Não obstante, as contas que mais fazem sucesso na rede social Instagram são as direcionadas à alimentação, aos exercícios físicos e a Medicina estética. Urge a resposta para cobrir a demanda do espetáculo: programação corporal. Adaptar todo o aparato necessário da indústria para aproximar a imagem corporal da imagem-técnica é o possível instrumental para editar a realidade. O preço é a instrumentalização do corpo.

Sigmund Freud (1856-1939) concebe o conceito de “supereu”(FREUD, 2014), como uma instância atravessada pela cultura e suas transformações. Em uma sociedade do espetáculo, referenciada por uma estética inatingível, a exigência do supereu é de se aproximar desses modelos. O afastamento gera desconforto e vice-versa.

(Texto original de GOLDBERG, Leonardo. Fotografia e mídias sociais. **FILOSOFIA, Ciência & Vida**. Ed. Escala, Ano IX nº 116, 2016. Pg 64 a 68.)

*Apresentem situações em que as redes sociais geraram em ti desconforto e afastamento:

(tempestade de ideias)

TEXTO 2

PERCEPÇÃO ESTÉTICA

Na coletânea “Estética e Filosofia”, com o artigo “Intencionalidade Estética” Dufrenne sustenta que é na união entre sujeito e objeto que nasce a noção da intencionalidade, pois é nessa relação que se dá a percepção estética que não se situa no objeto puramente, mas na relação sensível do sujeito sobre o objeto, se dará tal percepção.

Para Dufrenne intencionalidade fenomenológica é, por exemplo, numa cena de teatro real – ator, sala, cenário; irreal – a estória; Mas quando passo a ter contato com a peça teatral o irreal passa a ser real e passo a participar envolvendo-me sem ser enganado, mas o que é real e me envolve é justamente o fenômeno. O objeto estético é apreendido como real sem remeter ao real.

Na introdução a “Fenomenologia da experiência estética” Dufrenne explica o que é experiência estética e objeto estético. Para ele objeto estético difere de arte, pois o objeto estético é o que se constitui sob o olhar estético do indivíduo. A obra de arte através da percepção estética se torna objeto estético. A descrição do objeto estético envolve três campos noemáticos: Sensível (sentimento); O Objeto (representação); e Mundo Expresso (presença).

O objeto estético não existe sem a percepção estética e vice-versa. O objeto estético está ligado à subjetividade do espectador e também do criador. Do espectador solicita a percepção e do criador a criação que se exprime no objeto de

arte. A experiência estética inicial é do espectador, onde este tem a responsabilidade de consagrar a obra salvando a verdade do artista da obra. O objeto estético é o que é percebido, o que é aspirado pelo ser humano o “noema”. Husserl em sua obra “Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica” distingue noema de noésis: noésis são as vivências da consciência e noemas, os correlatos da consciência;

Para Husserl, a intencionalidade remarcada como a constituição dos correlatos na consciência é a garantia da descrição da possibilidade dos fenômenos, e no seu ápice a descrição da essência invariável que perpassa estes vividos. (FONTANA, V. F., 2007 p.85).

Em sua tese “O estatuto do idealismo na fenomenologia de Husserl”, Fontana cita:

“Na fenomenologia da consciência da coisa a questão não é a de saber como as coisas são em geral, isto que as torna na verdade como tais, mas de saber como é feita a consciência das coisas, quais modos de consciência das coisas são aí diferenciados, de qual maneira e com quais correlatos se figura e se anuncia, de modo consciente, uma coisa como tal. Mais ainda, como a consciência pode ser ela mesma conhecimento de ser-ali e do não-ser”. (Husserl. Idéias III. Pp. 100-101, in FONTANA, 2007 p. 85)

Dufrenne compreende que tanto o objeto estético quanto a obra de arte possuem o mesmo noema, mas noésis diferentes reconhece que a experiência estética é uma invenção recente, mas contempla o fato da percepção de toda obra de arte manifestar uma essência que necessita de um receptor a fim de liberar sua essência.

É pela experiência estética que se pode afirmar a arte como linguagem universal. Toda obra de arte permite tirar-lhe a essência é quando o espectador percebe a obra de arte, manifestando neste a experiência estética.

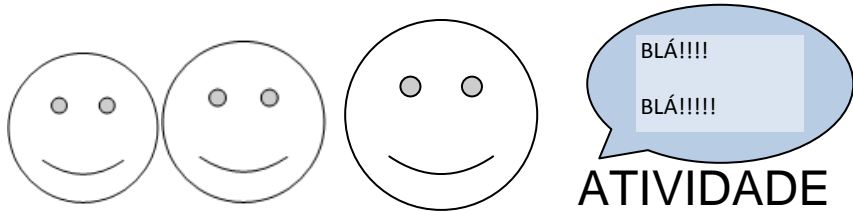
“Nós partimos do fato de que, por um lado há obras de arte, de outro lado há atitudes em face das obras de arte.” (DUFRENNE, 1953, p 13).

Dufrenne vê um problema na arte contemporânea, que não mais se refere a um repertório de categorias fixas e universais. Não há mais a necessidade de conhecer a estética e o belo teoricamente, pois não há teoria a ser feita e sim algo a conhecer, de tornar-se verdadeiro. Basta saber o que diz o objeto, ter uma percepção adequada do objeto, que não tem outro fim senão seu próprio objeto.

A percepção estética se dá quando a obra de arte é percebida, diferente de quando a obra de arte é estudada e analisada: uma coisa é a compreensão analítica da obra, outra é a interação humana com a obra.

A experiência que temos de uma paisagem natural é bem diferente de quando vemos esta pintada em um quadro, pois numa paisagem natural somos envolvidos e integrados no devir natural do mundo, a atitude perante a obra de arte é uma e diante da natureza é outra: estar na obra e se comprometer com ela é reconhecer-se parte, ter consciência, é visar algo.

Sua preocupação está voltada no caráter de sentido da obra de arte, como fenômeno – como o objeto diz algo da essência humana e em como essa essência pode ser percebida pelo receptor. Quando cobramos do receptor, exigências para compreender a arte, voltamos às concepções de corpo e imagem que este receptor possui.



A partir dos textos 1 e 2, reflita com seus colegas, tecendo uma crítica ao possível momento em que a vida social deixou de ser autêntica e se transformou em simples imagem de um homem objetificado: Faça registros e apresente a turma duas conclusões:



AGORA CHEGOU A SUA VEZ!!!!

ELABORAÇÃO DE CONCEITO:

Imagem para Flusser e Dufrenne:

2º MOMENTO

CORPO



MÃO DA CRIANÇA – PEQUENO PUNHO (CC0 Public Domain - no Pixabay 1797401)
https://cdn.pixabay.com/photo/2016/11/04/10/49/hands-1797401_960_720.jpg
<https://pixabay.com/pt/m%C3%A3os-m%C3%A3o-da-crian%C3%A7a-m%C3%A3o-de-crian%C3%A7a-1797401/>

Myriam • Deutsch • Membro desde 10 de Novembro de 2015



HELMUT NEWTON FOTÓGRAFO
Kishin Shinoyama – USA_1969
<https://goo.gl/images/HGLd7q>

O QUE VÊS?

“Nosso corpo tem uma característica especial. Quando, por exemplo, seguro minha mão esquerda com minha mão direita, percebo que há em meu corpo certa reflexão; a mão que toca e a mão tocada podem se alternar em seus papéis. Há reversibilidade. Meu corpo, portanto, é tátil e tocante. O mesmo ocorre com os demais sentidos. Meu corpo é um ser visível, em meio a uma infinidade de outros seres visíveis, mas com essa peculiaridade: ele também é vidente. Vejo, mas também posso ser visto. Inclusive, sou visível para mim. Meu corpo é sonoro, mas também pode se fazer ouvir e pode ouvir-se quando emite sons. Ouço quando falo e ouço quem me fala. Sou sonoro para mim mesmo e para outrem.”

(Fragmento do texto O corpo próprio em Merleau-Ponty, disponível online no Blog Filosofia e coisas da vida, em 15/02/2001. Acesso disponível no endereço eletrônico: <http://filosofiaecoisasda vida.blogspot.com.br/2011/02/o-corpo-proprio-em-merleau-ponty.html> - acessado em 11/10/2016)



MÃOS – FÉ (CC0 Public Domain - no Pixabay – 555391)

https://cdn.pixabay.com/photo/2014/12/03/12/21/monk-555391_960_720.jpg

<https://pixabay.com/pt/monge-m%C3%A3os-f%C3%A9-555391/>

Dean Moriarty • Idade 62 • cardiff/United Kingdom • Membro desde 3 de Dezembro de 2014



O QUE PENSAS DISSO?

TEXTO 1

O CORPO EM MERLEAU-PONTY

Pensar o corpo através de um novo olhar e tentar descrever sua dimensão não é tarefa fácil, muitos foram os conceitos dados ao “corpo” na história da filosofia. Descartes (1596-1650) parte do cogito (pensamento) que está em seu interior, para alcançar uma verdade, colocando em dúvida a sua própria existência para chegar a uma certeza sobre a concepção de homem. Este pensar cartesiano sobre a problemática “homem” considera duas principais substâncias existentes, que são o corpo e a alma, unidos fundamentalmente porém distintas entre si.

Investiga-se em qual momento na contemporaneidade esta concepção de corpo ainda está presente e “o que é o corpo”?

O homem é o seu corpo, sua forma de relacionar-se com o mundo, inserindo-se no mundo se dá pelo corpo, mas é preciso refletir sobre as possíveis relações entre o corpo e a subjetividade. Baseando-se na fenomenologia de Merleau-Ponty, vamos analisar o conceito de corpo próprio, corpo como expressão e corpo como obra de arte, apresentados em sua obra “Fenomenologia da Percepção” articulando-os com a subjetividade.

Corpo para Merleau-Ponty, numa crítica ao dualismo cartesiano, é deslocar a subjetividade da interioridade para a corporeidade, na qual o sujeito se concretiza no corpo, por suas vivências, movimentos, percepções e criações.

Merleau-Ponty não sistematizou uma Filosofia a cerca do corpo, mas todas suas obras perpassam pelo pensamento conceitual de corporeidade, em “Fenomenologia da percepção” (1945) o corpo aparece como o sujeito da percepção, contrapondo-se ao pensamento científico clássico do corpo como objeto.

Em Ponty, a percepção que se dá através do contato corporal do homem com o mundo, teorizado como corpo próprio, é o meio de transporte do verdadeiro Cogito que reconhece seu próprio pensamento como parte deste corpo, revelando-se como “ser-no-mundo” (Merleau-Ponty, 2006, p.9), levando-nos a repensar a subjetividade, em sua corporeidade, sustentando a ideia de que não tenho um corpo, o corpo não é a morada do sujeito, não é algo de que possa me despir, desvincular, mas sou meu corpo.

Considerando que o humano não interpreta somente a si mesmo, mas o outro e os signos do mundo, já não é um Cogito no sentido cartesiano, mas uma existência desvelada pela exegese de sua própria vida passa a tomar consciência de si mesmo e do mundo através do corpo próprio, “o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me

indubitavelmente com ele, mas não o possui, ele é inesgotável" (MERLEAU-PONTY, 2006 p.14) e esta mostra que a compreensão do mundo é apreendida, gradativamente, por um sujeito que se compreende interpretando a alteridade e os sinais e signos do mundo. O homem enquanto ser-no-mundo toma consciência de seu corpo na medida em que apreende comportamentos, experiências e ações como sendo suas.

Nesta perspectiva apresenta-se o conceito de corpo-próprio, com este conceito Merleau-Ponty, reage às antinomias cartesianas (Descartes 1596-1650) entre pensamento e extensão, pois nesse sentido existe-se como coisa ou como pensamento, ficando difícil reconhecer-se como subjetividade e corpo ao mesmo instante, Ponty ultrapassa tais conceitos e compreende que o corpo revela-se como primeira projeção de sentido no mundo, existindo, para tanto como corpo próprio, em primeira pessoa: "o corpo é nosso meio geral de ter um mundo". (MERLEAU-PONTY, 2006 p.203).

Nesta leitura, o corpo vem para o primeiro plano, em como o homem percebe o mundo e a si mesmo no mundo.

Um exemplo, de corpo próprio é a motricidade, pois pelo movimento, meu corpo se situa no mundo, se posiciona em relação às coisas e como síntese desse corpo próprio emerge a consciência de si, a subjetividade: "Ser uma consciência, ou antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles." (MERLEAU-PONTY, 2006, p.142).

Compreender o corpo, por sua subjetividade é pensar a capacidade expressiva do corpo, pois nele não estão apenas a idade, cor, sexo, etc..., mas também situações singulares a cada pessoa, sua corporeidade. O corpo, com suas múltiplas formas de expressão, seja no trabalho, escola, cotidiano e até nas artes, se expressam e estas práticas sociais significam sua subjetividade, quando dissociada da corporeidade pode resultar numa significativa destruição da imagem de si e de seu corpo. A corporeidade se mostra efetivamente pelos sentidos e a subjetividade são as experiências que surgem de um corpo e para o qual criam a consciência. A subjetividade, portanto, é o maior problema para Ponty.

O corpo é um espaço expressivo, possui presença e espacialidades efetivas, a nossa experiência de mundo se desvela no próprio espaço objetivo no qual o nosso corpo toma consciência e ganha uma dimensão que não separa o mundo dele mesmo. Não é uma capa expressiva de si, muito se pode inferir a cerca de uma pessoa, pela simples observação de como ela se coloca no mundo, como gesticula, caminha, se senta à mesa, se veste, como olha para as pessoas, tom de voz..., para Ponty "se o corpo pode simbolizar a existência é porque a realiza e porque é sua totalidade". (MERLEAU-PONTY, 2006, p.227).

Merleau-Ponty visa à comunicação, como movimentos e gestos tem o poder de significar algo. A capacidade expressiva do corpo sustenta também a ideia de subjetividade.

O corpo se expressa. Fala. Dialoga. Quando fala, não fala sozinho, fala com alguém, para o outro, sua essência é dialógica, assim se revela: o social. Se como corpo estou conectado ao mundo, em relação aos outros, convivo em sociedade.

Por essa sua capacidade expressiva, o corpo é facilmente comparado à obra de arte.

Para Merleau-Ponty o conceito de intercorporeidade representa este ponto de relações entre os afetos e os sentidos, onde se dá a comunicação interpessoal,

gestual e onde a intersubjetividade se concretiza, assim “o homem é espelho para o homem”. (MERLEAU-PONTY, 2004, p.23)

A intercorporeidade é a intersecção entre eu e o outro, onde se dá a comunhão dos sentidos, uma indivisão.

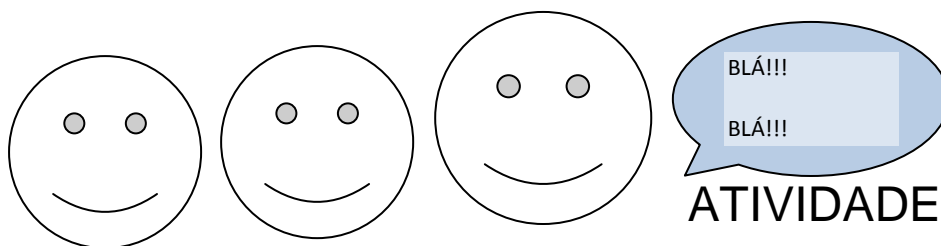
Há no corpo um aspecto simbólico. “Toda arte é corporal porque o artista se encontra corporalmente situado no mundo” (ANDRIOLO, 2005, p. 45) e nessa oferta de seu corpo ao mundo que o artista transforma o mundo em arte.

Pela obra de arte o espectador vê e por sua percepção sensível ao mundo emerge a arte.

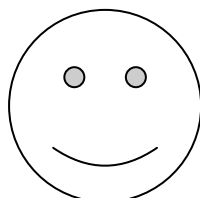
É na pintura que Ponty compreende que a arte se faz ver por si mesma, pois é neste aspecto que o corpo é obra de arte:

“Um romance, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, quer dizer, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por contato direto, e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes.”

(MERLEAU-PONTY, 2006,p.209).



O que na construção de meu corpo vejo no texto de Ponty?



AGORA CHEGOU A SUA VEZ!!!!

ELABORAÇÃO DE CONCEITO:

Corporeidade em Ponty:

3º MOMENTO

FOTOGRAFIA



A NUVEM (CC0 Public Domain - no Pixabay – - 736875)

https://cdn.pixabay.com/photo/2015/04/23/21/59/amazing-736875_960_720.jpg

<https://pixabay.com/pt/incr%C3%ADvel-bela-tirar-o-f%C3%B4lego-nuvens-736875/>

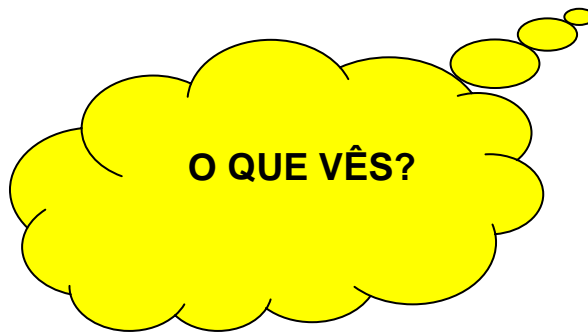
Bess Hamiti • Idade 31 • Podujevë/Kosovo • Membro desde 4 de Abril de 2015



HELMUT NEWTON FOTÓGRAFO

Kishin Shinoyama – USA_1969

<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/06/2b/2f/062b2fe1e48ea39fbca336f972bd9701.jpg>



“TODOS OS CONTEÚDOS PUBLICADOS NAS REDES SOCIAIS, COMO, POR EXEMPLO, O FACEBOOK OU O INSTAGRAM, PASSAM A SER RETRATADOS COMO VERDADE A PARTIR DO EXATO MOMENTO EM QUE SÃO ‘VIRALIZADOS’”.

(Goldberg, Leonardo; in: Fotografia e mídias sociais, pg 69, Filosofia – Ciência e Vida, Ano IX, nº 116, 2016)



TEXTO 1

O QUE É SER FOTÓGRAFO

O que se transforma a partir de aplicativos como o Instagram é especificamente a categoria descrita por Flusser: fotógrafos. Em outro momento, um ofício destinado a quem dominava a técnica específica. A partir da possibilidade de edição estendida para a população que tem acesso aos smartphones, tal categoria se estende às dezenas de profissionais que utilizam o aplicativo em função de sua própria aparição e de compartilhamento de suas imagens. Flusser descreve o fotógrafo: “gente que já vive o totalitarismo dos aparelhos em miniatura; o aparelho fotográfico programa seus gestos, automaticamente, trabalhando automaticamente em seu lugar; (...) seu pensamento, desejo e sentimento tem caráter fotográfico, isto é, de mosaico, caráter robotizado; alimentam aparelhos e são por eles alimentados (...)”. (FLUSSER, 2011 pg. 99)

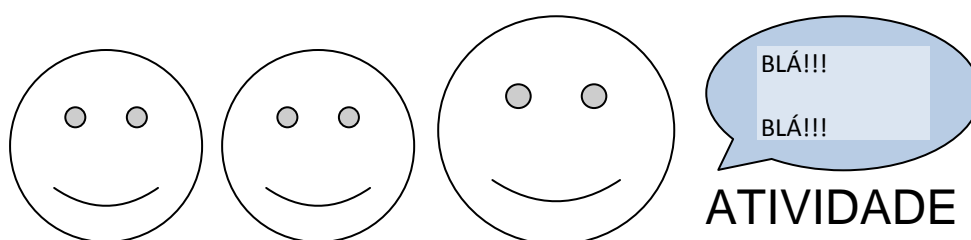
Essa concepção se transforma radicalmente a partir do momento em que o aparato técnico da fotografia se torna cotidiano: é possível obtê-lo em qualquer aplicativo direcionado aos usuários das redes sociais, seus filtros e possibilidades de edição são inúmeros, facilmente aplicáveis em qualquer imagem. O olhar se ampara a priori nas imagens das redes sociais para depois encontrar o entorno.

Debray já apontava essa inversão a partir da imagem graficamente computadorizada: “(...) contornando a oposição entre ser e parecer, semelhante e real, a imagem graficamente computadorizada já não tem de imitar um real exterior, já que é o produto real que deverá imitá-la para existir. Toda relação ontológica que, desde os gregos, desvalorizava e, ao mesmo tempo, dramatizava nosso diálogo com as aparências se encontra invertida. O ‘re’ de representação vai pelos ares, no ponto culminante da longa metamorfose em que as coisas já apareciam cada vez mais como pálidas cópias das imagens”.

A partir dessa escritura que perpassa cada imagem fotográfica captada e editada pelas “câmeras de bolso”, acopladas em praticamente todos os dispositivos móveis existentes, podemos pensar na transformação da imagem, na inversão referencial que concerne à ontologia. Para Flusser, a questão da Filosofia da Fotografia é justamente que a “práxis fotográfica seja conscientizada” (FLUSSER, 2011 pg. 101), sob um viés existencialista. Mas a partir do momento em que a práxis fotográfica já se insere em sua categoria que abrange quase como incumbência quaisquer usuários das redes sociais, o próprio significado da imagem, fotografia ou espetáculo se refere a outro sentido; a passagem do direcionamento do método: da

proposição flusseriana de um “caminho da liberdade” para sermos em repetição e diferença dentro da escritura e do programa fotográfico.

(Texto original de GOLDBERG, Leonardo. Fotografia e mídias sociais. FILOSOFIA, Ciência & Vida. Ed. Escala, Ano IX nº 116, 2016. Pg 69.)



Com seus colegas, leiam e interpretem as fotografias abaixo, apontando os conceitos de corpo e imagem presentes nas mesmas:

A)



FACES (CC0 Public Domain - no Pixabay – 1445489)
https://cdn.pixabay.com/photo/2016/06/09/10/00/smartphone-1445489_960_720.jpg
<https://pixabay.com/pt/smartphone-m%C3%A3o-foto-montagem-faces-1445489/>
Gerd Altmann • Freiburg/Deutschland • Membro desde 15 de Setembro de 2012

B)



SMARTPHONE (CC0 Public Domain - no Pixabay – 407108)
https://cdn.pixabay.com/photo/2014/07/31/23/04/smartphone-407108_960_720.jpg
<https://pixabay.com/pt/smartphone-filme-tirar-fotos-407108/>
English • Membro desde 31 de Julho de 2014

C)



LENTE FOTOGRAFO (CC0 Public Domain - no Pixabay – 64146)
https://cdn.pixabay.com/photo/2012/11/05/07/33/woman-64146_960_720.jpg
<https://pixabay.com/pt/mulher-c%C3%A2mera-m%C3%A3o-lente-fot%C3%B3grafo-64146/>
Gerd Altmann • Freiburg/Deutschland • Membro desde 15 de Setembro de 2012

D)



D) MEDITAÇÃO (CC0 Public Domain - no Pixabay – 1815991)
https://cdn.pixabay.com/photo/2016/11/11/07/52/sunset-1815991_960_720.jpg
<https://pixabay.com/pt/p%C3%B4r-do-sol-mulher-silhueta-1815991/>
Gerd Altmann • Freiburg/Deutschland • Membro desde 15 de Setembro de 2012

E)



POMPEIA ITALIA MODERNA (CC0 Public Domain - no Pixabay – 1797977)
https://cdn.pixabay.com/photo/2016/11/04/14/55/face-1797977_960_720.jpg
<https://pixabay.com/pt/rosto-escultura-pomp%C3%A9ia-it%C3%A1lia-1797977/>
English • Membro há 15 dias

F)



AMULETO DA SORTE (CC0 Public Domain - no Pixabay – 794072)

https://cdn.pixabay.com/photo/2015/06/01/19/51/ladybug-794072_960_720.jpg

<https://pixabay.com/pt/joaninha-besouro-dedo-crian%C3%A7a-794072/>

Efraimstochter M W • Ulm/Deutschland • Membro desde 7 de Novembro de 2012

G)



JOGOS DE AZAR (CC0 Public Domain - no Pixabay – 415823)

https://cdn.pixabay.com/photo/2014/08/11/17/45/swimmers-415823_960_720.jpg

<https://pixabay.com/pt/nadadores-mulheres-discuss%C3%A3o-415823/>

Hermann Traub • Idade 58 • Ulm/Deutschland • Membro desde 14 de Janeiro de 2014

H)



A PROCURA (CC0 Public Domain - no Pixabay – 1784263)
https://cdn.pixabay.com/photo/2016/10/30/20/28/seashore-1784263_960_720.jpg
<https://pixabay.com/pt/litoral-gato-%C3%A0-procura-homem-andar-1784263/>
Arek Socha • Stockholm/Sweden • Membro há 9 meses

I)



CELEBRAÇÃO (CC0 Public Domain - no Pixabay – 82979)
https://cdn.pixabay.com/photo/2013/02/18/18/34/christmas-82979_960_720.jpg
[https://pixabay.com/pt/natal-bolas-bugigangas-celebra%C3%A7%C3%A3o-82979/](https://pixabay.com/pt/natal-bolas-bugigangas-celebra%C3%A7%C3%A3o-82979/PublicDomainPictures)
PublicDomainPictures
English • Membro desde 11 de Dezembro de 2010

J)



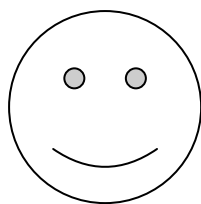
IDOSOS (CC0 Public Domain - no Pixabay – 1577160)

https://cdn.pixabay.com/photo/2016/08/07/21/39/man-1577160_960_720.jpg

<https://pixabay.com/pt/homem-homem-velho-sess%C3%A3o-sentado-1577160/>

Mabel Amber, Still Incognit But • Amsterdam/Netherlands • Membro desde 6 de Setembro de 2015

(Professor a sugestão é de que a turma seja dividida em grupos e que cada grupo faça a análise de 3 fotografias, associando suas conclusões aos textos acima. Apresentando a turma suas interpretações;)



AGORA CHEGOU A SUA VEZ!!!!

ELABORAÇÃO DE CONCEITO:

Qual a principal preocupação do fotógrafo, por Flusser:

4º MOMENTO

CURSO ON-LINE DE FOTOGRAFIA DIGITAL

FOTOGRAFAR

Chegou o momento de nos prepararmos para sermos os protagonistas!
No laboratório de informática vamos acessar o site <http://www.eduk.com.br>

Façam seu cadastro online, o curso é gratuito e no término do curso lhe garante certificação.

Assim que terminarmos nosso curso básico de fotografia digital, precisamos ter um espaço para guardar nossas próprias fotos!

Então façam a inscrição no site <https://www.flickr.com/> é um espaço on-line onde além de poder armazenar suas fotografias, ainda pode partilhar com demais pessoas de diferentes locais do mundo, inscritas no site e organizá-las conforme sua categoria.



5º MOMENTO

SEMINÁRIO EM SALA DE AULA

EXPOSIÇÃO DAS FOTOGRAFIAS DIGITAIS

Acesse seu banco de imagens no site <https://www.flickr.com/> escolha algumas de suas fotografias para apresenta-las aos seus colegas em forma de Seminário. Através de suas fotografias apresente suas reflexões em torno dos conceitos de “Corpo” e “imagem”, registrando uma descrição para cada fotografia, seu nome completo e dia do registro da imagem: (também poderá dar um nome para sua fotografia)

**CHEGOU O GRANDE MOMENTO
DE MOSTRARMOS
PARA NOSSA
COMUNIDADE ESCOLAR
NOSSAS FOTOGRAFIAS!!!**

CONVITE:

É com grande alegria que convidamos
toda família do
Colégio Estadual de Dois Vizinhos,
para prestigiar a
“1 AMOSTRA DE FOTOGRAFIA DIGITAL
FILOSOFIA - CEDV”.

LOCAL: No saguão principal da escola

TEMA: O Corpo

CURSO TÉCNICO- Período Noturno

2017

5. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Os encaminhamentos metodológicos desta produção didática respeitam as orientações dadas pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Filosofia, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

O trabalho destes, se dará nos quatro momentos propostos nas diretrizes, a saber:

- Mobilização para o conhecimento (descrito na produção didática como: O QUE VÊS?)
- Problematização (descrito na produção didática como: O QUE PENSAS DISSO?)
- Investigação (descrito na produção didática como: O QUE FAZES COM ISSO?)
- Criação de conceitos (Atividades em grupo e individual)

A metodologia se dará a partir de leitura de textos, discussões, elaboração de conceitos, desenvolvimento de atividades individuais e em grupos, curso on-line sobre fotografia digital (site <http://www.eduk.com.br>), acervo de fotografias tiradas pelos alunos, seminário em sala de aula e exposição das fotografias, resultado da oficina de fotografia, para a comunidade escolar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUFRENNE, M. (1953) *Phenomenologie de l'expérience esthétique* (Vol.I – L'objet esthétique). Paris: Presses Universitaires de France.

DUFRENNE, M. (1953) *Phenomenologie de l'expérience esthétique* (Vol.II – La perception esthétique). Paris: Presses Universitaires de France, 1953b.

FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.

GOLDBERG, Leonardo. *Fotografia e mídias sociais*. FILOSOFIA, Ciência & Vida. Ed. Escala, Ano IX nº 116, 2016. Pgs 63 - 69.)

HUSSERL, E. *Ideas relativas a una fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica*, trad. De José Gáos, México, Fondo de Cultura Económico, 1962, 2º ed. (1º ed. Alemã 1913).

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Filosofia**. Curitiba: SEED, 2008.